

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA-AJES
ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

APROVADA

NOTA: 8,5

A IMPORTÂNCIA DA LINGUÍSTICA NA FORMAÇÃO DE HABILIDADES DE
LEITORES CRÍTICO E PARTICIPATIVOS

Adão Xavier Rodovalho

adao-xavier@hotmail.com

Orientador: Prof. Dr. Ilso Fernandes do Carmo

JUINA/2016

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA-AJES
ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

**A IMPORTÂNCIA DA LINGUÍSTICA NA FORMAÇÃO DE HABILIDADES DE
LEITORES CRÍTICO E PARTICIPATIVOS**

Adão Xavier Rodovalho

Orientador: Prof. Dr. Ilso Fernandes do Carmo

*“Trabalho apresentado como exigência
parcial para a obtenção do título de
Especialização em Língua Portuguesa.”*

JUÍNA/2016

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo demonstrar a importância da leitura para a formação de leitores críticos e participativos sendo estes alunos do ensino Fundamental II que é a antiga 5ª a 8ª série. Para alcançar os objetivos propostos neste trabalho, empregou-se a técnica de pesquisa bibliográfica onde contamos com a contribuição das ideias de alguns teóricos. São várias as reclamações dos professores dizendo que os alunos de hoje não gosta de ler e que pior muitos nem sabe ler, ou lê parcialmente sem entender o que esta lendo. Ao longo do tempo houve um avanço nas disciplinas em sala de aula, as aulas deixaram de ser totalmente conteúdistas para dar espaço a uma aula mais dinâmica e do gosto dos alunos. Trabalhar a leitura hoje tem sido um grande desafio para os professores, pois os alunos têm certos receios, e muitos não querem ler. O professor tem que buscar novas metodologias para mudar esse pensamento e fazer a leitura ficar atraente para os alunos e uma delas é trabalhar com charges e cartoon. A metodologia aplicada foi de inserir charges e cartoon em sala de aula para estimular a leitura.

Palavras-chave: Leitura. Educação. Crítico.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	04
1 EDUCAÇÃO COM FORMAÇÃO HUMANA	06
1.1 Conceito de Leitura.....	07
1.2 Conceito de Linguagem.....	11
1.3 Variação Linguística.....	12
2 AS DIFICULDADES DA LEITURA E DA ESCRITA EM SALA DE AULA	14
2.1 Como a escola e professor podem formar leitores críticos e participativos	16
3 METODOLOGIA	21
4 SUGESTÕES PARA LEITURA EM SALA DE AULA.....	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERENCIAS.....	28

INTRODUÇÃO

Ensinar é um exercício de imortalidade.

*De alguma forma
continuamos a viver naqueles cujos olhos
aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa
palavra. O professor, assim, não morre jamais.*

Rubem Alves

O que levou a propor esse tema foi à dificuldade evidenciada diariamente em sala de aula. Na atualidade vivenciamos a metodologia educacional do ensino ciclado e muitos são os alunos que chegam ao ensino fundamental e médio apresentando sérias dificuldades no desenvolvimento da leitura e escrita, o que vem acarretando dificuldades para o aluno e professor em sala de aula e nos estudos diários. Sendo assim busca-se estudar sobre o assunto confrontar as ideias apresentadas e encontrar um novo procedimento para sanar as dificuldades de aprendizagem na formação do leitor crítico que saiba se manifestar de forma coerente na sociedade atual.

Compreende-se que o processo de ensino aprendizagem da leitura é uma provocação cotidiana que envolve o aluno e o professor, uma vez que adquirir capacidade de ler significa ter a condição de compreender a realidade e o um mundo que vai se desvelando cada vez mais integrado e surpreendente e é através destas novas descobertas que os alunos se deparam com as dificuldades hora mais ou hora menos conforme o contexto vivenciado por cada estudante.

Este trabalho tem como instrumento de pesquisa o ensino da leitura na escola de ensino fundamental II, e por objetivo principal sugerir uma estratégia prazerosa e interessante para que os alunos possam tomar o gosto pela leitura saiam do ensino fundamental apresentando cada vez mais menos dificuldade.

Percebe-se que na sua maioria o ensino hoje, no Brasil, no que diz respeito à leitura, não desperta no aluno o hábito de praticá-la. Somente leem quando são obrigados fazendo com que os mesmos venham a não gostar da leitura. Esse fato deve-se a vários fatores, mas o que se pretende destacar aqui é a falta de estímulos e opções por parte dos professores que, em muitos momentos, não encontram

estratégias para criar um estímulo em seus alunos a lerem frequentemente. Atualmente, compreende que os alunos do 2º ciclo de formação humana apresentam imensas dificuldades de leitura e de interpretação de texto e, as aulas de Língua Portuguesa não privilegiam o ensino da leitura como deveria, apenas dão prioridades às regras de gramáticas e o básico que é ler e interpretar nada muito ale disso logo vem se deparar com um grande problema, se o aluno apresenta serias dificuldade de leitura, como trabalhar a gramática com esse aluno.

Portanto, para a elaboração deste trabalho apoiou-se em vários teóricos e com pesquisa qualitativa buscando analisar os contextos sobre leituras e dificuldades. Posteriormente, pretende-se verificar uma nova metodologia para que os alunos possam interagir com prazer pela leitura se tornando cidadãos críticos e participativos.

A presente pesquisa divide-se em quatro capítulos.

O primeiro capítulo trata-se do referencial teórico, este permite compreender melhor o tema proposto aprofundando sobre o tema, explica um pouco sobre a educação com formação humana, conceito de leitura e linguagem e variação linguísticas.

O segundo capítulo descreve-se as dificuldades da leitura e da escrita em sala de aula e como a escola e professores podem formar leitores críticos e participativos.

O terceiro capítulo apresenta-se a metodologia utilizada para atingir os objetivos deste trabalho.

Por fim o quarto capítulo demonstra-se sugestões para leitura em sala de aula de forma mais atraente e prazerosa.

A prática da leitura permite que ele tenha um bom desenvolvimento cognitivo em todas as áreas, porque ler não é apenas decodificar as palavras. É saber interpretar, saber reconhecer os sentidos das palavras.

1 EDUCAÇÃO COM FORMAÇÃO HUMANA

No Estado de Mato Grosso antes era trabalhado em sistema seriado no ensino fundamental e médio depois passou por reformulação e o ensino fundamental veio a ser trabalhado com a educação com formação humana que é trabalhada por ciclo.

Segundo MATO GROSSO (2012, p. 44)

[...] ensinar com o compromisso de educador, cujo objeto de trabalho é garantir o acesso ao conhecimento pelo sujeito aprendiz, demanda uma grande mobilização de energias e vontades de competências teóricas e operativas [...].

Ainda MATO GROSSO (2012), relata que a educação é um dos principais espaços de mediação na formação do sujeito histórico. Nessa perspectiva é que ganha sentido o conceito de formação integral que articula as potencialidades de todas as dimensões do ser humano. Ou seja cada pessoa tem seu tempo de aprender, não significa que por estar na mesma série ou ciclo os alunos tem que ter o nível iguais de conhecimento, cada aluno tem seu tempo de aprendizagem e não podemos compara-las ao nível de conhecimento do outro.

De acordo com FREIRE (1997, p.32e 33),

[...] respeito e estímulo à capacidade criadora do educando, implica no compromisso do educador com a consciência crítica do educando, cuja promoção da ingenuidade não se faz automaticamente.

MATO GROSSO (2012, p. 61), afirma que a avaliação na concepção de formação humana, é um processo dinâmico, um permanente aprendizado do educador sobre o aluno aprendiz. É a investigação de como o aluno está construindo o seu pensamento. Tudo que o aluno faz dentro do espaço escolar esta sendo avaliado, por isso que o processo é contínuo.

A avaliação é um processo contínuo, participativo, com função diagnóstica, prognóstica e investigada cujas informações propiciam o redimensionamento da ação pedagógica e educativa, reorganizando as próximas ações do educador, do coletivo do ciclo e mesmo da escola, no sentido de avançar no entendimento e desenvolvimento do processo de aprendizagem. (ROCHA, 1996, p.52).

Se a avaliação envolve o contexto contínuo fica evidente que, as inovações com o ato de ler devem ser gradativas. A avaliação na formação humana é contínua, pois o aluno vai construindo seu conhecimento no decorrer dos ciclos da formação.

o trabalho, no 2º Ciclo, deve ser organizado de modo a permitir a

reconstrução, ressignificação dos conhecimentos e o desenvolvimento das capacidades de uso das linguagens nas praticas sociais, de análise, reflexão, criação, fruição e crítica, demandando do aluno a observação e a comparação entre aspectos semelhantes e a elaboração de generalizações. (MATO GROSSO, 2012, p.26).

Segundo MATO GROSSO (2012, p.27), *“o processo de ensino e de aprendizagem da leitura e da escrita deve ser orientado por uma concepção discursiva de linguagem. Como atividade social, forma de ação entre sujeito e lugar de interação [...]”* Por isso faz se necessário fazer o estudo sobre conceito de leitura.

1.1 CONCEITO DE LEITURA

Muito se fala sobre leitura, mas muitas vezes não compreendemos o que é isso que tanto os professores discorrem “ler”. Leitura é um processo da antiguidade que durante um período foi de privilegio só dos homens, uma vez que a mulher não tinha acesso à leitura e escrita até mesmo a escola era somente e exclusiva para homens. Mas o que é leitura que até nos dias atuais, vem sendo um desafio para os professores explicar o que verdadeiramente é na educação que se tem hoje.

Para MOLINA (1982, p.12), a leitura é: *“um processo passivo, na qual o estímulo gráfico apresentado aponta direta e automaticamente, para resposta já adquirida, com uma decodificação instantânea nunca com significado.”* Ou seja, ler não é somente correr os olhos entre as linhas, vai muito além é necessário entender o contexto, compreender a realidade e interpretar o todo que está posto nas entre linhas de uma mensagem grafada coerentemente.

Segundo KLEIMAN (1989, p.28), *“a leitura é uma atividade cognitiva, tem caráter multifacetado, multidimensionado, sendo um processo que envolve percepção, processamento, memória, inferência, dedução.”*

Ainda o mesmo autor afirma que:

O mero passar de olhos pela linha não é leitura, pois leitura implica uma atividade de procura por parte do leitor, no seu passado de lembranças e conhecimentos, daqueles que são relevantes para a compreensão de um texto que fornece pistas e sugere caminhos, mas que certamente não explicita tudo o que seria possível explicitar. (KLEIMAN 1989, p.28).

Para que um leitor venha se fazer compreendido na sua totalidade este deve necessariamente desenvolver a leitura várias vezes e sempre buscando um sentido

eu venha criar novas possibilidades neste ato de ler, deste modo o leitor vai com esta forma de leitura desencadear preliminarmente o sentido interpretativo do que esta sendo retratando o texto.

Ao se referir à leitura os PCNS, da Língua Portuguesa (BRASIL,1997, p.51), assim se posiciona: A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem, etc.

A leitura é algo que mais tem gerado preocupação nos estudos e na educação de modo geral na atualidade, uma vez que vivenciamos um plano de escola ciclada e o que se percebe é que muitos alunos chegam ao ensino médio apenas decodificando com um vocabulário tímido quando deveria ser fluente muitas vezes consegue ler, mas desenvolvendo a repetição sem fazer as inferências necessárias, deste modo, compromete as novas ideias que favoreceriam a interpretação.

Segundo FREIRE (1983, p. 2), *“Linguagem e realidade se prendem dinamicamente.”* Como retrata FREIRE para se ter uma boa leitura o aluno tem que ter conhecimento do tema, assim se torna mais atraente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto, ou seja, para se fazer uma leitura fica muito evidente que tem que interpretar o que esta lendo.

Segundo CAGLIARI (2007, p. 155), *“a leitura [...] [é] toda manifestação linguística que uma pessoa realiza para recuperar um pensamento formulado por outra e colocando em forma de escrita.”* Para o autor leitura somente é quando o leitor Le e consegue escrever sobre o assunto que leu.

Assim se posiciona ORLANDI (1983, p. 20), ao se referir à leitura:

A leitura é o movimento crítico da constituição do texto, pois é o momento privilegiado do processo da interação verbal: aquele em que os interlocutores, ao se identificarem como interlocutores desencadeiam o processo de significação.

Por que quando Le o leitor cria imaginação e através deste produz novos textos.

Têm duas maneiras de se ler uns leitores preferem ler em voz baixa e outros

em voz alta. Como cita MANGUEL (1997, p.85), [...] ler em voz alta, ler em silêncio, ser capaz de carregar na mente bibliotecas íntimas de palavras lembradas são aptidões espantosas que adquirimos por meios incertos. Na realidade em escolas o professor pode usar as duas formas porque possibilita reflexão e opiniões em sala de aula. Como ressalta CAGLIARI (2007, p. 156) *“acontece que na escola se ensina mais comumente aos alunos o uso da leitura visual silenciosa, individual para a reflexão, que o da leitura oral pública.”*

O papel da escola em si é formar bons leitores, mas muitas vezes o professor se preocupa muito com conteúdos e esquece que enquanto o aluno não souber ler e escrever ele não vai ter rendimento na gramática. Como relaciona CAGLIARI (2007, p. 148), [...] se um aluno não sair muito bem nas outras atividades, mas for um bom leitor, penso que a escola cumpriu em grande parte sua tarefa. Se, porém, outro aluno tiver notas excelentes em tudo, mas não se tornar um bom leitor, sua formação será profundamente defeituosa. E também pode ajudar muitas outras disciplinas também, pois sabendo ler e interpretar o aluno vai conseguir relacionar outros conteúdos.

[...] as investigações interdisciplinares vêm evidenciando, mesmo na leitura do texto escrito, não ser apenas o conhecimento da língua que conta, e sim todo um sistema de relações interpessoais e entre as várias áreas de conhecimento e da expressão do homem e das suas circunstâncias de vida. (MARTINS, 2005, p.12-14).

Os alunos de hoje, em grande parte leem somente o que lhe é determinado, sem dar à leitura seu valor real, sem perceber a necessidade de ler para buscar informações, conhecimentos, para enriquecer seu vocabulário, para visualizar palavras e perceber sua ortografia. A leitura não é somente ler e escrever como relata MARTINS (2005, p. 30), *“O ato de ler se refere tanto a algo escrito quanto a outros tipos de expressão do ser humano.”* E isso o professor tem que estar bem atento para ensinar os alunos, pois KLEIMAN (2004, p.15), afirma que *“para ensinar devemos ter paixão pela leitura.”*

[...] o ensino da leitura deve ser uma preocupação permanente dos professores durante o período de escolarização dos estudantes. Ele deve iniciar-se com a alfabetização e prosseguir na forma de uma espiral 29 crescente de desafios ao leitor, tanto em densidade de textos como em habilidades devidamente sequenciadas. (SILVA, 1991, p. 77).

Segundo MANGUEL (1997, p. 106), *“Sócrates afirmava que somente o que o leitor já conhece pode ganhar vida com uma leitura, e, para ele, o conhecimento não pode ser adquirido através de letras mortas.”* Ou seja, não é pegar qualquer

texto e querer que o aluno leia, antes o professor tem que mostrar o contexto do texto assim o aluno já vai ter conhecimento do que vai ler. O chamado pré-leitura.

Nesta etapa de pré-leitura, apenas o tema da situação no texto deve ser exposto, deixando para o debate com os alunos e incentivando-os a levantarem hipóteses sobre o que o texto descrito poderá tratar. Assim, é necessário que, já antes da leitura, da distribuição do texto, de qualquer contato com ele, o professor intervenha e realize o que chamamos de pré-leitura – momento em que se ativa o conhecimento prévio do aluno-leitor mediante as habilidades de investigação: adivinhar, formular hipóteses, fazer previsões, buscar alternativas, selecionar possibilidades, imaginar. (BRAGA; SILVESTRE, 2002, p. 31).

A leitura não é só papel da escola e sim papel dos pais que devem incentivar e motivar seus filhos o gosto pela leitura como afirma LEITE (1999, p.32), “[...] a família desempenha papel preponderante no processo de formação de leitores, pois seus membros [...] são os primeiros incentivadores da criança.” Também é um papel da sociedade como reforça (SILVA, 2005, p. 88), “a sociedade tem o dever de ensinar e garantir politicamente o dever dessa atividade [a de leitura] a todos os cidadãos.”

A leitura é importante para o convívio na sociedade e para garantir bem estar social é através dela que podemos interagir com as pessoas e buscar mais conhecimentos para um futuro melhor. Como relata Freire (1984, p.22) antes de ler ou decodificar uma palavra o ser que se presta ao papel deste ato, possui uma leitura de mundo presente na vida social e cultural.

O indivíduo que pensa criticamente mantém uma atitude questionadora e uma resistência dupla na confiança de informação e na sua interpretação, e se torna crítico para definir o que é melhor para si mesmo. Para compreender a leitura é necessário conhecer o que língua e linguagem.

1.2 CONCEITO DE LINGUAGEM

Segundo SAUSSURE (1969, p.23), a língua é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la; ela não existe senão em virtude duma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade. Ainda o mesmo autor relata a diferença de língua e linguagem.

[...] Enquanto a linguagem é heterogênea, a língua assim delimitada é de natureza homogênea: constitui-se num sistema de signos onde, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica, e onde as

duas partes do signo são igualmente psíquicas. (SAUSSURE, 1969, p. 23).

A fala que falamos em nosso cotidiano depende muito de região para região, pois cada uma tem uma língua diferente e depende do nosso convívio o hábito linguísticos. SAUSSURE (1969, p. 27), define que é a fala que faz evoluir a língua: *“são as impressões recebidas ao ouvir os outros que modificam nossos hábitos linguísticos.”*

A Linguística está voltada para a explicação de como a linguagem humana funciona e de como são as línguas em particular, quer fazendo o trabalho descritivo previsto pelas teorias quer usando os conhecimentos adquiridos para beneficiar outras ciências e artes que usam de algum modo, a linguagem falada ou escrita. (CAGLIARI, 2007, p. 42).

Segundo SILVA (2005, p. 16), *“Linguística é a ciência que investiga os fenômenos relacionados à linguagem e que busca determinar os princípios e as características que regulam as estruturas da língua.”* A linguística é a fala de cada lugar, ou seja, a língua local.

Para SAUSSURE (1969, p. 26),

todos os outros elementos da linguagem, que constituem a fala, vêm por si mesmos subordinar-se a esta primeira ciência e é graças a tal subordinação que todas as partes da Linguística encontram seu lugar natural.

A linguagem qualquer pessoas pode fazer uma reflexão sobre o tema, pois não depende de um conhecimento científico basta relacionar as falas dos falantes. Como afirma SILVA (2005, p. 11), *“(...) Qualquer indivíduo pode “falar sobre” a linguagem e discutir aspectos relacionados às propriedades das línguas que conhece. Isto faz parte do “conhecimento comum” das pessoas (...).”* Para estudar a linguagem usada no Brasil é necessário estudar sobre a variação linguística que temos em nosso País.

1.3 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Como o Brasil tem varias culturas existem varias formas de fala entre as regiões, pois cada uma deles tem um jeito diferente de fala, até mesmo a diferença entre homens e mulheres.

Pesquisas feitas em vários países mostram que há uma diferença na fala de homens e mulheres, por exemplo. A fala das mulheres é mais semelhante à norma culta do que a dos homens. Isso seria resultado de um comportamento linguístico mais “correto” por parte das mulheres, comportamentos que resultam de valores que fazem com que esperemos comportamentos diferentes por parte dos homens e mulheres, sendo que

esperamos comportamentos mais corretos (o que quer que sejam) por parte das mulheres. Comportar-se como homem, em nossa sociedade, inclui ser menos correto do que uma mulher (menos gentil, menos educado, mais descuidado). O resultado de tais valores é que, para um homem, falar corretamente é mais ou menos como usar uma saia [...]. (POSSENTI, 1996, p. 36-37)

As falas não são consideradas erros como relata POSSENTI (1996, p. 80), *“Diferenças linguísticas não são erros, são apenas construções ou forma que divergem de certo padrão. São erros aquelas construções que não se enquadram em qualquer das variedades de uma língua.”* Isso acontece em todo momento se prestarmos atenção sempre percebemos os ditos erros nas falas das pessoas.

2 AS DIFICULDADES DA LEITURA E DA ESCRITA EM SALA DE AULA

Fica evidente que na atualidade os educadores se deparam com diferentes dificuldades quando se refere ao ensino fundamental, uma vez que encontramos alunos que ainda não escrevem seu próprio nome, essa dificuldade evidencia a não leitura e o desenvolvimento da escrita do estudante. Deste modo fica a necessidade de se buscar método para encarar novos desafios no desenvolver da alfabetização.

Assim se posiciona MATENCIO (1994), quanto às dificuldades no ensino da língua:

As dificuldades que hoje encontramos no ensino de língua materna envolvem variáveis que decorrem do estágio em que se encontram os estudos da linguagem e da aprendizagem, da maneira como eles se relacionaram tanto ao processo de formação de professores como à democratização da instituição educacional. Dentre outras, que incluem obviamente as condições socioeconômicas e culturais da clientela de nossas escolas. (p. 99).

Pelo que se percebe um dos métodos a alfabetizar se direcionado é começar com o alfabeto é determinante na integra desvendar o ato de conhecer que embora os alunos digam que conhece o alfabeto, mas não consegue interagir com o mesmo quando se depara com a junção teoria e prática. Como relata KOCH (2006, p. 59),

ainda diz que conhecer o alfabeto não é simplesmente conhecer as letras contidas no nosso alfabeto, mas também aprender as inúmeras formas de escritas como: a pictográfica, que é o desenho figurativo, a ideografia que é a representação de ideias sem indicação dos sons das palavras.

Na maioria o ato de alfabetizar dificulta o sequenciamento de uma leitura nas séries posteriores uma vez que o estudante passa apenas por uma decodificação simples das letras, e quando faz a junção na formando as palavras pouco se expressa no conhecimento da totalidade, surge inúmeras o que acarreta dificuldades já na compreensão. Logo se inicia uma nova etapa que também se aprende palavras sem aprofundar nos significados, e conseqüentemente vai se desencadeando para as leituras imprevistas dos textos o que só dificuldade o aprendizado.

Saber interpretar o que esta lendo é primordial segundo KOCH, (2006, p. 60) *“Nesta etapa, a compreensão de textos pode ser intensificada a complexidade dos textos apresentados aos alunos, cujo objetivo, é o de despertar o raciocínio necessário para uma adequada interpretação [...]”* Deste modo fica evidente que

sem a intensidade e a complexidade na leitura que desencadeia desde o alfabeto, palavras, frases e o texto como um todo, não se qualifica o estudante para uma leitura compreensiva que vem exigindo nos dias atuais.

Nos dias de hoje há uma grande necessidade de se desenvolver as habilidades de leitura e escrita para o melhor desempenho das práticas sociais e profissionais existente na sociedade, pois, sem o domínio dessas habilidades, o educando encontrará dificuldades de expressão oral e escrita". (ORLANDI, 2005, p. 24).

O que fica evidente nas entre linhas é o argumento constante em torno da palavra necessidade, ou seja, é necessário repensar as praticas fazendo com que os alunos venham compreender que a leitura e escrita tem função social em nosso meio é por intermédio dela que mudamos nossa forma de interagir com o meio, que passamos fazer as inferências de forma coerente com a realidade tornando assim nosso pensamento críticos que nos vai tornar cidadãos pensantes.

Conforme se observa os Parâmetros Curriculares Nacionais:

A escola deve proporcionar ao educando a competência de desenvolver suas capacidades de forma oral e escrita para sua participação social onde o domínio da língua escrita e oral, é fundamental para a participação social efetiva, pois é por meio dela, que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. (BRASIL, 1997, p. 15).

Pensando assim em proporcionar competências desenvolvendo as capacidades o ensino da leitura e escrita pode ou deve ser enriquecido com a utilização dos diferentes gêneros textuais, dentro de sua diversidade podem ser utilizados jornais, revistas em quadrinhos, livros literários, rótulos de latas, caixas, garrafas e até mesmo bulas de remédios dentre outros. Pois quando o professor trabalha com algo diferente envolvendo a realidade dos alunos o se considera diferente por alguns passa a chamar sua atenção do estudante fazendo com que ele desvenda e compreende o meio em que atua além de trazer o interesse e a busca por novos saberes.

De acordo com ANTUNES (2003, p. 117),

Quando o professor trabalha com metodologias diferenciadas ocorre uma maior possibilidade de chamar a atenção do aluno e envolvê-lo com a leitura, e por consequência uma maior relação texto-leitor, até que o mesmo chegue a interpretar [...].

Deste modo na atuação direta o educador deve proporcionar novas descobertas ao aluno, proporcionando ao mesmo o contato direto com a realidade com seu conviveu ou até mesmo novas oportunidades de leituras ainda não

descobertas pelo estudante.

Para VYGOTSKY o ser humano é interativo e se relaciona com o meio:

O desenvolvimento do Ser Humano é produto de sua interação com o meio tanto físico como o social, se faz necessário agir para possibilitar que as crianças aprendam pensando, ou seja, construindo sua escrita e buscando formas diversas para solucionar situações problemas surgidas em seu cotidiano. (1998, p. 67).

Proporcionar novas possibilidades de interação aos estudantes é sempre fundamental, uma vez que novas formas de agir vão se estruturando no mundo de uma leitura cada vez mais ao encontro do seu meio facilitando ao estudante a compreensão do saber.

2.1 COMO A ESCOLA E PROFESSOR PODEM FORMAR LEITORES CRÍTICOS E PARTICIPATIVOS

Muitas vezes em sala de aula acontece o seguinte o professor orienta os alunos a fazer leitura de textos que o aluno não tem interesse, nesse momento o professor percebe que os alunos não deram a mínima. Acontece que o professor não fez à introdução a leitura algum que vai cativar os alunos a lerem com atenção. O papel do professor é promover situações de ensino capazes de motivar a prática da leitura em sala de aula. É preciso que esta tarefa seja um exercício agradável para que o aluno realmente tenha prazer e sinta motivado a desenvolver o ato da leitura e não de fingir que esta lendo.

A leitura pode ser lida em voz alta quando o leitor lê para os outros e também pode ser feita pessoal quando se lê para si mesmo. Como reforça AMORIM (2008, p.18), “[...] *ler para o outro é um ato de amor. Já ler para si próprio é, mais do que uma ação intuitiva que busca prazer, conhecimento e desenvolvimento da própria inteligência, é uma atitude de cidadania.*”

Por muitas vezes por preocupação com o planejamento anual, priorizam as leituras dos livros didáticos que muitas vezes não vem de encontro com o aluno e esquece que tem alunos que ainda não sabe ler e nem escrever, como relata PILETTI (1991, p. 17), “[...] *Sendo função básica de a escola ensinar a ler e a escrever, ela vem privilegiando a leitura do escrito em detrimento da “leitura do*

mundo” que a criança já faz e traz para a escola.”

[...] o ensino da leitura crítica vincula-se, necessariamente, a uma concepção progressista da escola, a uma concepção criativa da linguagem e a uma concepção libertadora de ensino. Daí a necessidade de uma discussão coletiva (isto é, do coletivo escolar) a respeito da política e da filosofia que embasam/sustentam as ações da escola, principalmente no que se refere ao tipo de cidadão que ela deseja promover via atividades ensino-aprendizagem e, dentre elas, as atividades de leitura. (SILVA, 1998, p. 27).

De acordo com BRITO (2008, p. 10), *“As leituras podem ser realizadas com um aluno no papel de narrador [podendo revezar-se] e alguns outros restantes nos papéis de personagem”*, com a ajuda do professor. Muitas vezes quando o aluno lê, sem perceber ficamos repetindo as palavras que o leitor está lendo errado e isso constrangia o aluno deixando com vergonha dos demais alunos, sendo que não vai mais querer ler na sala durante a aula. Na verdade a leitura em voz alta serve para perceber a dificuldade de cada aluno.

Se ficarmos na leitura limitada em questionamento tradicional ou aspectos denotativos das histórias, não encontraremos a riqueza que se abre nas mais diversas maneiras que cada leitor experimenta ao ler o texto. Tendo assim um grande desafio. Como o professor incentiva o gosto pela leitura embora a leitura seja um ato individual e solitário. (FARIA, 2007, p. 116).

Muitas vezes nos professores erramos por querer que os alunos leem assuntos que eles nem tem conhecimento, para a leitura ser atraente o assunto tem que estar de acordo com o meio social dos alunos. Segundo SILVA (1998, p.22), *“[...] Tais necessidades revelam que o problema da leitura não se desvincula de outros problemas enraizados na estrutura social.”*

Segundo CAGLIARI (2007, p. 167), *“A escola deve dar chance ao aluno de ler segundo sua variedade de língua e não obrigá-lo logo na primeira leitura a ler no dialeto da escola [...]”*. O que acontece em nossa escola os alunos tem muita dificuldade na leitura e quando eles leem o professor corrige o aluno, e nesse momento o aluno fica constrangido e não consegue mais ler em voz alta. A escola tem que motivar os alunos e não desmotivá-lo.

Quando falamos em “motivação” pensamos mais em impulsos e intenções logicamente determinados que orientam o comportamento, ao passo que as atitudes e experiências emocionais são o fator determinante dos “interesses”. Os interesses e motivações do indivíduo refletem-se em seu modo de vida total. Muitas vezes, o que uma criança aprende ou deixa de aprender na escola depende mais dos seus interesses do que da sua inteligência. Isso se evidencia não só no bom rendimento que a criança apresenta em seus assuntos favoritos, mas também na escolha que ela faz de suas atividades nos momentos de lazer. (BAMBERGER, 1975, p. 32).

Através da leitura que a sociedade busca mudança e fica atenta em seus direitos, pois quando sabe ler e escrever cria sua própria opinião e não vai à concepção dos outros. Para BLATTMANN e VIAPIANA, (2005. p.6), “[...] é a mola propulsora na libertação do pensamento e possibilita desencadear reflexões e desenvolver ações para melhoria da cidadania e desenvolvimento do ser humano.”

Educar para a cidadania exige educar para a ação político-social e esta, para ser eficaz, não pode ser reduzida ao âmbito individual. Educar para a cidadania é educar para a democracia que dê provas de sua credibilidade de intervenção na questão social e cultural. É incorporar a preocupação ética em todas as dimensões da vida pessoal e social. (CANDAU, 1999, p. 112).

Com base no que afirma SILVA (1991, p.81),

a leitura crítica sempre leva a produção ou construção de um outro texto, o texto do próprio leitor [...] a leitura crítica deve-se ser caracterizada como um projeto, pois se concretiza numa proposta pensada pelo ser- no –mundo.

A leitura crítica faz com que o aluno pensa um pouco mais, pois através destes coloca sua posição em diferentes pensamentos.

De acordo com AGUIAR (2002, p. 120), “o potencial criativo é inerente ao ser humano na maior parte das vezes o que se precisa é oferecer oportunidades.” É através das oportunidades que os leitores criam seus pensamentos críticos.

Segundo PADILHA (2007, p. 57),

ainda adianta que a escola não tem formado leitores que levam adiante pela vida o interesse pela leitura e pela escrita, o que está sendo formado nas escolas é um leitor de simples informações necessárias a finalidades imediatas [...].

A leitura proporciona reflexão e assim acontece a interação que é um fator essencial na formação de cidadãos críticos, conforme diz os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa.

[...] é preciso, às vezes, criar um ambiente que convide à escuta atenta e mobilize a expectativa: é o caso, por exemplo, dos momentos de contar histórias ou relatos (o professor ou os próprios alunos). A escuta e demais regras do intercâmbio comunicativo devem ser aprendidas em contextos significativos, nos quais ficar quieto, esperar a vez de falar e respeitar a fala do outro tenham função e sentido, e não sejam apenas solicitações ou exigências do professor. (BRASIL, 1997, p. 40).

O professor deve ainda mostrar a confiança a seus alunos dando atenção e carinho para o que o mesmo se sinta incentivado e respeitado, ainda mais que no ensino ciclado o aluno não reprova, com o afeto o aluno não terá medo de errar, e através deste vai construindo seu conhecimento.

Com as mudanças ocorridas no processo do ensino-aprendizagem no qual o aluno que inicia seu processo de formação da leitura e da escrita não fica reprovado até a terceira série do ensino fundamental inicial, o professor tem que aceitar os erros que a criança produz, de rever os métodos de alfabetização e de conhecer os processos de aquisição da língua escrita. (ZILBERMANN, 2008, p. 11).

Segundo FERREIRO (1991, p. 77), *“O trabalho de leitura, na escola tem por objetivo levar o aluno a analisar e a compreender as ideias dos autores e buscar no texto os elementos básicos e os efeitos de sentido”*. Muitos acreditam que a língua portuguesa somente que trabalham a leitura e escrita, mas a outra disciplina também pode contribuir para o conhecimento do aluno, como relata FERREIRO (1991, p. 78), *“faz um alerta de que a leitura não deve ser entendida como uma ação de caráter mecânico e sim deve ser cobrada, exigindo do aluno tudo que foi lido, incentivando-o sempre para que tomem gosto pela mesma [...]”*.

[...] não podemos nos situar em frente de um debate, de uma polêmica ou controvérsia, a menos que conheçamos e dominemos os códigos sociais da argumentação, bem como os portadores de textos que expressam posicionamentos, análises e/ou críticas dentro dos sistemas de circulação de sentido. (SILVA, 1998, p. 35).

De acordo com SILVA (1991, p. 88), *“[...] aquele que, por compreender criticamente a razão de ser dos fatos sociais, se posiciona, evidenciando posturas de participação e de luta.”* Quando tem conhecimento da leitura crítica o leitor é capaz de tomar decisões e de incentivar a melhorar os fatos da sociedade.

BRITO (2008, p. 9), por sua vez, condiciona que *“a leitura deve ser trabalhada com uma política diferenciada, visando estratégias e recursos que ensejem nos alunos o interesse e o prazer pela leitura e pela produção de leituras.”* Para incentivar os alunos a lerem e ter o gosto pela leitura é necessário que na escola existam bibliotecas para os alunos.

Uma biblioteca escolar bem estruturada e um profissional bibliotecário capacitado a direcionar o trabalho de disseminação da informação, de forma dinâmica e criativa, certamente favorecerão a obtenção de resultados satisfatórios quanto aos objetivos almejados para o desenvolvimento das práticas leitoras. (AMATO e GARCIA, 1998, p. 13).

Tem várias bibliotecas que é vista muitas vezes como um lugar em que são armazenados livros para leitura, e não para se fazer leituras. E é um espaço que tem que ser mais explorados pelos alunos. E na biblioteca tem um profissional que às vezes só se preocupam com os afazeres de dentro da biblioteca e esquece o apoio aos alunos. Para SILVA (1999, p. 79), o bibliotecário escolar deve *“[...] dedicar-se menos às atividades mecanizadas e muito mais a programas de incentivo à leitura,*

junto aos alunos, com o apoio de outros educadores, como os professores e os especialistas”.

3 METODOLOGIA

Nesse capítulo, será abordado o percurso metodológico dessa pesquisa.

A presente pesquisa se caracteriza como um estudo de caso de caráter qualitativo, sendo realizados em livros, monografias, artigos, internet, tese de mestrado. Foram realizadas pesquisas bibliográficas sobre a Educação com Formação Humana, leitura, dificuldades na leitura.

Utilizou-se a técnica de estudo bibliográfica. Tendo em vista que o seu objetivo é verificar e apresentar uma nova metodologia para os alunos do Ensino Fundamental II a ter o gosto pela leitura para se tornar cidadãos críticos e participativos.

4. SUGESTÕES PARA LEITURA EM SALA DE AULA

Muitas vezes a falta de leitura por parte dos alunos deve-se ao interesse nas leituras inseridas em sala de aula, que os professores não estimulam a leitura nos alunos uma das formas de fazer com que a leitura se torne prazerosa é trabalhar com charges e cartuns, pois com esse trabalho os alunos usam sua criatividade e se torna atraente trabalhar com humor.

Os textos humorísticos, como outros textos, exploram certos fatos e outros textos, próximos e distantes, e seguem outros procedimentos característicos desse gênero (criam surpresas, mudam de direção etc.) como o fazem também outros gêneros em relação a seus procedimentos característicos. O que nos faz pensar que o humor é cultural, ou mais dependente de fatores culturais que outros fenômenos – textuais ou não – é, mais frequentemente, o desconhecimento dos dados e, talvez sobretudo, o fato de que, no caso do humor, há uma manifestação clara do seu funcionamento, o riso. Quando ele não ocorre, atribuímos esse fato a uma diferença de cultura. Mas pode ocorrer que confundamos o que é apenas uma manifestação mais ou menos lateral com aquilo que seria uma característica definidora de um conjunto heterogêneo de textos (comédias, piadas, charges) ou, talvez mesmo, de um tipo de discurso. (POSSENTI, 2010, p. 146).

Até mesmo quando se trabalha com uma metodologia engraçada chama atenção dos alunos, e mesmo trabalhando com comédias, piadas, charges e cartuns os alunos estão fazendo leitura e usando muito a interpretação, pois para conseguir interpretar charges e cartuns tem que usar muito a interpretação. Embora seja um texto não verbal, mas o aluno por si próprio constrói um texto sobre a determinada charge ou cartuns.

Linguagem não verbal é formada por um texto que só é revelado a partir da produção de sua leitura. O texto não verbal não exclui o significado, nem poderia fazê-lo sob pena de destruir-se enquanto linguagem. Seu sentido, por força, sobretudo da fragmentação que o caracteriza, não surge a priori, mas decorre da sua própria estrutura significante, do próprio modo de produzir-se no e entre os resíduos sínicos que o compõem. Este significado não está dado, mas pode produzir-se. (FERRARA, 1986, p.15).

Os trabalhos com desenhos são importantes para o desenvolvimento mental do ser humano, pois através desses envolvem a criação de textos interpretação e o raciocínio, pois trabalham com humor e isso fica mais prazeroso estudar.

Como ocorre em relação à literatura, filósofos, psicólogos, sociólogos, historiadores, psicanalistas, linguistas e outros – estas e – ólogos falam já do humor, cada um desses “campos” olhando para ele de pontos de vista específicos. Acrescenta-se que a necessidade de estudar os “desenhos” (quadrinhos, charges, tiras, cartoons) obriga o desenvolvimento de novas teorias da linguagem. (POSSENTI, 2010, p.177).

A charge e a cartum tem diferença entre eles, mas muitas vezes entendemos que é a mesma coisa. Segundo POSSENTI, (2010, p.28), *As charges, por exemplo, são tipicamente relativas a fatos “do dia”. Apenas eventualmente, e raramente, têm como pano de fundo acontecimento menos instantâneos, como uma campanha eleitoral.*

A charge pode abordar vários assuntos como desigualdade social, educação, meio ambiente, entre outros, mas o assunto de maior destaque é a respeito de política, seja nacional ou internacional. A charge utiliza também a caricatura do personagem em sua ilustração. (CHAGAS, 2012, p. 27).

Conforme SILVEIRA e FELTES (1999, p. 90),

a charge tem como características os uso reduzido do código verbal associado à imagem visual, a apresentação de um fato cotidiano com pinceladas de humor ou ironia e forte dependência de informações [...].

Para trabalhar a charge e cartoon em sala de aula, leva um tempo de preparação das aulas, pois analisamos os pontos que queremos do aluno, quando o aluno expõe sua opinião para ele se torna mais atraente, e nesse momento o professor aproveita para o surgimento de textos e escritas do mesmo, nesse mesmo momento o aluno já vai ler para escrever. O primeiro passo é distribuir as charges para os alunos e pedirem que façam uma descrição da charge. Depois pedirem para que eles descrevam a importância das charges. Em varias charges podem se trabalhar interdisciplinar pois tem conteúdos para atingir varias disciplinas.



FIGURA 01: Anatel acusa operadora Tim de derrubar ligações. Fonte (CHARGES ON-LINE, 2013).

Na charge 01 podemos analisar os problemas das telefonias no Brasil hoje. Onde as operadoras não estão respeitando os consumidores. Esta charge em sala

de aula trabalha varias interpretações dos alunos, pois é o que eles convivem no seu cotidiano. Sendo que podemos trabalhar a matemática analisando os gastos e benefícios de cada operadora, história trabalharia a evolução da comunicação, sociologia pode se trabalhar como a sociedade esta vivendo hoje no meio social com violência e em português produções de textos, dentre outras que também pode ser trabalhadas.



FIGURA 02: A falta de professores Fonte: Amâncio (CHARGES ON-LINE, 2013).

Analizamos a charge 02 que mostra a realidade hoje vivida no Brasil que é a desvalorização do professor que por esse motivo estão em greve. É uma charge porque mostra a situação mas não revela em qual momento e lugar ocorre esse fato.

Já a charge 03 mostra a crítica ao governo com investimentos precário na educação é representado pela mãe e seus dois filhos. Para a mãe estudos é apenas para as pessoas de autoridades, que filhos dela não vão a escola. Para o menino nada a mais apenas queria ler e escrever pensando em um futuro melhor para sua vida enquanto a mãe ainda tem uma mente que estudo não é para os pobres. Já diz o título ensino público que hoje vive uma precaridade muito tem se valorizar no ensino público para que realmente fique como deveria ser, uma educação de qualidade e digna para todos.



FIGURA 03: Ensino público. Fonte: Amâncio (CHARGES ON-LINE, 2013).

A charge 04 tras um assunto muito comentado no Brasil hoje que é a precaridade da saúde pública, pois com a vinda da copa para o Brasil deixou muita gente sem atendimento adequado no atendimento público.



FIGURA 04: Saúde pública. Fonte: Amâncio (CHARGES ON-LINE, 2013).

Através dessa charge pode se trabalhar a história da copa, os cálculos de quantos foi gasto na construção de estádios em cada estado e quanto tempo o Brasil vai levar para organizar suas estruturas para realmente atender a população na saúde pública, a produção de textos sobre o sofrimento dos brasileiros causados pela vinda da copa.

A charge retrata o nosso cotidiano através do humor, dependendo do contexto e época inserida. Já os cartuns aborda um fato universal. Para CHAGAS (2012, p. 27), que não depende de um contexto determinado ou específico de uma época ou cultura, portanto é atemporal. Os cartuns retratam diversos temas, mas os mais comuns são os temas relacionados com guerras, naufrágos, amantes, palhaços, o bem contra o mau.

O carton de figura 05 descreve a inocência das pessoas no interior onde muita nem tem o contato com mídia para saber o que acontece no mundo.



FIGURA 05: Violência cresce no interior do país. . Fonte (CHARGES ON-LINE, 2013).

Analisando essa imagem podemos observar que o caipira está sendo assaltado e no momento acha graça por não entender o que se passa. Nessa imagem podemos trabalhar as diferenças sociais no Brasil e no mundo, diferente da charge esse cartoon já mostra um sítio ou seja o fato ocorre em um sítio, pois já temos aí um lugar geográfico determinando o lugar.

O cartoon de figura 06 mostra a surpresa da professora, também se situa em um lugar geográfico que acontece na escola em sala de aula.



FIGURA 06: Descaso com a sociedade. . Fonte (CHARGES ON-LINE, 2013).

Mostra a surpresa da professora quando em uma aula de matemática o aluno diz a sua vontade de ter uma profissão quando crescer. De acordo com que ele lê as situações do dia a dia ele relata que quer viajar tanto quanto um vereador, mas é essa a função de um vereador?

Nesse mesmo momento pode-se trabalhar vários assuntos pertinentes no convívio da sociedade destacando várias disciplinas que podem ser inseridas ao trabalhar esse cartoon.

Trabalhando o diferente em sala de aula tornaremos nossos alunos críticos para perceber os momentos em que estamos vivendo e que não vê mais a charge e o cartoon como um divertimento apenas e também uma forma de aprendizado e que é riquíssimo para trabalhar em sala de aula, fazendo com que os alunos se sintam mais instigados em seus estudos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho defendeu a leitura critica que é necessário para alunos do ensino fundamental II. O ato de ler nos torna pessoas com mais conhecimento, pois tudo que vamos fazer temos que saber ler e escrever, um ato muito rico em nossa vida. Abrindo inúmeras possibilidades dentro do convívio social. Esse estudo traz uma breve reflexão sobre as leituras que estamos trabalhando em sala de aula. Nas salas de professores ouço muitos professores reclamando que alunos estão chegando ao ensino fundamental sem saber ler ou lê sem entender o que esta lendo. Com isso resolvi investigar soluções para melhorar o apto pela leitura, fazer com que os alunos aprendam a ler e tenha o gosto pela leitura.

A educação hoje é um desafio para os professores em sala de aula, pois em uma sala esta muito complicada existe vários nível de conhecimento numa sala, e por muitas vezes o professor não tem tempo suficiente para a preparação das aulas diversificadas. Sendo necessário o professor tenta atender a todos.

Com a mudança de seriado para ciclado houve transformação no aprendizado, procedimentos sociais, os conceitos de família, escola e estado, tudo isto pode contribuir para uma efetivação das práticas pedagógicas a tanto idealizadas e prestigiadas em sala de aula.

Para encarar esses novos desafios os educadores tem que estar consciente dessa transformação e buscar trabalhar com formas diferenciadas uma delas é o trabalho com charges e cartoon e busca sempre a atualidade dos fatos reais, e os alunos tem conhecimentos dos fatos, e isso faz com que os alunos se dediquem mais na leitura e escrita, tornando assim alunos críticos e participativos.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Ritamaria. Convergências: educação, arte, inclusão. **Caderno de Textos Educação, Arte e Inclusão**, Brasília, n. 1, p. 115-122, set./dez. 2002.

AMATO, Mirian. GARCIA, Neise Aparecida Rodrigues. **A biblioteca na escola**. In: NEY, Alfredina. et al. **Biblioteca escolar: estrutura e funcionamento**. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

AMORIM, Galeno. **Os muitos retratos da leitura no Brasil**. In: AMORIM, Galeno (Org.). **Retratos de leituras no Brasil**. Vários autores. São Paulo: Imprensa Oficial: Instituto Pró-livro, 2008. p. 15-28.

ANTUNES, Irandé, **Aula de português: Encontro e Interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. 7. ed. São Paulo: Ática, 1975.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. São Paulo: Cultrix, 1977.

BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2005.

BLATTMAN, Úsula e VIAPIANA, Noeli. Leitura como instrumento de cidadania. In: **XXI CBBD – Congresso Brasileiro de Biblioteconomia**, documentação e ciência da informação, Curitiba, 2005.

BRAGA, R. M.; & Silvestre, M. F. B. **Construindo o leitor competente: atividades de leitura interativa para a sala de aula**. São Paulo: Petrópolis, 2002.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1997. v.2

BRITTO, Patrícia D. **Estratégias de motivação a leitura como recurso pedagógico para a formação de leitores competentes**. Maringá, 2008. Dissertação (Mestrado) – UEM.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. 10. ed. São Paulo: Scipione, 2007.

CANDAU, Vera Maria et al. **Oficinas pedagógicas de direitos humanos**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

CHAGAS, Michele Aparecida. **Charges sob a ótica da semântica e da pragmática**. Goiânia. 2012. monografia apresentada ao departamento de letras da universidade Estadual de Goiás - UEG, Unidade Universitária de Jussara – GO.

CHARGES ON-LINE. **Jornal de charges.** Disponível em: <www.chargeonline.com.br/>. Acesso em: 6 ago. 2013.

FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula.** 4. ed. São Paulo Contexto: 2007.

FERRARA, Lucrecia D'Aléssio. **Leitura sem palavras.** São Paulo: Ática, 1986. (Série Princípios).

FERREIRO, Emília. **A leitura e a escrita:** sistema de comunicação humana. São Paulo: Atual, 1991.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler.** São Paulo: Cortez, 1984-2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Cortez, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

KLEIMAN, Angela. **Oficina de leitura:** teoria & prática. 7. ed. São Paulo: Pontes, 2004.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor** – aspectos cognitivos da leitura. Campinas: Pontes, 1989.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A interação pela linguagem.** 8. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

KOCH, Ingedore Villaça. **Ler e compreender os sentidos do texto.** Desvendando os segredos do texto. São Paulo: Contexto. 2006.

LEITE, Ângela Maria. **O papel da biblioteca escolar na formação de leitores.** Florianópolis, 1999. Monografia (Especialização em Estratégia e Qualidades em Sistemas de Informação) - Departamento de Biblioteconomia, Universidade do estado de Santa Catarina.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura.** 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura.** 19 ed. São Paulo: Brasiliense, 2005.

MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. **Leitura, produção de textos e a escola.** São Paulo: Mercado de letras, 1994.

MATO GROSSO. **Orientações curriculares:** concepções para a educação básica. Área de linguagens. Cuiabá: Secretaria de Estado de Educação, 2012

MOLINA, M. Leitura e processo de aprendizagem. In: **Revista Voz das Letras,** Concórdia: Santa Catarina, 1982. nº02.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. Campinas, São Paulo: Panorama, 2005.

ORLANDI, Eni Pucinelli et al. **Discurso e leitura**. São Paulo: Editora da Unicamp, 1983.

PADILHA, Simone de Jesus. **Ensinando a ler e a escrever com amor**. São Paulo: Novo Rumo, 2007.

PILETTI, Claudio. **Didática especial**. São Paulo Ática, 1991.

POSSENTI, Sírio. **Humor, língua e discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996. (Coleção Leituras do Brasil)

ROCHA, Silvio (org.) Ciclos de formação: a proposta político- pedagógica da escola cidadã. **Cadernos Pedagógicos**, Porto Alegre, nº 9. Porto Alegre: SMD, 1996.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1969.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Trad. de Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix LTDA, 2000.

SILVA, Ezequiel T. **Leitura & realidade brasileira**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

SILVA, Ezequiel T. **Leitura na escola e na biblioteca**. Campinas: Papyrus, 1991.

SILVA, Ezequiel T. **De olhos bem abertos**: reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil. São Paulo: Ática, 1991.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Criticidade e leitura**: ensaios. Campinas: Mercado das Letras: Associação de leitura do Brasil, 1998.

SILVA, Ezequiel Theodoro. **A produção da leitura na escola (pesquisas x propostas)**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2005.

SILVA, W. C. da. **Miséria da biblioteca escolar**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

SILVEIRA, Jane Rita Caetano da, e FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. **Pragmática e cognição: a textualidade pela relevância e outros ensaios**. 2. ed. Porto Alegre: Edipucs, 1999.

VYGOTSKY, L, S, A. **A alfabetização e a linguagem**. São Paulo: Atlas, 1998.

ZILBERMAN, Regina. **História e sociedade**: leitura o caminho da aprendizagem. Rio de Janeiro: Forense, 2008.

ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da. (orgs.). **Leitura:** perspectivas interdisciplinares. São Paulo: Ática, 1988.